

Estudos da Língua(gem)

Efeitos sentido, descrição/interpretação e *Veja* como lugar de memória discursiva

Effets de sens, description/interprétation
et de *Veja* comme lieu de mémoire discursive

Ricardo Pereira VIEIRA*

Maria da Conceição FONSECA-SILVA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB/BRASIL

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DA BAHIA – FAPESB/BRASIL

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPQ/BRASIL

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES/BRASIL

RESUMO

Neste artigo, discutimos o sentido como efeito e apresentamos resultados de um gesto de descrição/interpretação de formulações linguísticas e imagéticas, selecionadas do corpus constituído de edições da revista *Veja*, que circularam na primeira década do século 21 e discursivizam sobre Hugo Chávez, enquanto presidente da Venezuela. A análise é sustentada pelo aporte teórico da Análise de Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Mídia. Política. Hugo Chávez. Efeito de sentido.

*Sobre os autores ver página 208.

RESUMÉ Dans cet article, nous présentons les résultats de un acte de l'interprétation/interprétation de formulations linguistiques et de image, sélectionnées du corpus composée d'éditions du magazine *Veja*, qui circulait dans la première décennie du 21^e siècle et discoursivizam sur Chavez comme président du Venezuela. L'analyse est soutenue par le cadre théorique de l'analyse du discours.

MOTS-CLÉS: Mémoire. Médias. Politique. Hugo Chávez.

1 Considerações iniciais

Neste trabalho, apresentamos resultados de um gesto de interpretação de um recorte de formulações linguísticas e imagéticas, selecionadas das edições 1903 de 04/05/2005, 1955 de 10/05/2006, 1986 de 13/12/2006, 2033 de 07/11/2007 e 2036 de 21/11/2007 da revista *Veja*, um recorte do *corpus* constituído de edições da revista que circularam no período de 1999 a 2009 e que discoursivizam sobre Hugo Chávez, à época presidente da Venezuela. À luz do enfoque multidisciplinar, mobilizamos conceitos operacionais do campo da Análise de Discurso. Destacamos que escolhemos a revista *Veja* e não outra em seu lugar por ser o semanário brasileiro mais antigo (primeira edição foi publicada em 1968), de maior circulação e maior tiragem..

2 Efeitos de sentido Chávez e gesto de interpretação em *Veja* como um dos lugares de memória discursiva

Quero que todo mundo veja que não sou um tirano,
nem um diabo, nem mesmo alguma espécie de gorilla.
(Hugo Chávez)

A Análise de Discurso, enquanto disciplina de interpretação, como ressalta Fonseca-Silva (2007a), constrói procedimentos para expor o olhar-leitor tanto à opacidade da língua quanto à opacidade de outros domínios semióticos, que funcionam como lugar material onde os efeitos de sentido se realizam. Nessa perspectiva, significar está na

ordem do discurso e não na ordem das materialidades significantes, cuja falha e equívoco lhes são constitutivas, possibilitando manipulação de significações estabilizadas e de deslizamento de sentido que é um efeito.

A questão da memória tem sido objeto de investigação de diferentes áreas. Num rápido percurso de leitura desde Hesíodo (século VII a.C) até os dias atuais, como mostra Fonseca-Silva (2007b), observamos a complexidade do tema em questão. Neste trabalho, nos impede, no entanto, de fazer uma discussão sobre a questão nos diferentes campos de saber. Fizemos um recorte necessário, para pensar a mídia como *lugar de memória discursiva*, conceito que resultou do deslocamento operado por Fonseca-Silva (2007b, 2012), a partir, do conceito de *memória discursiva* (COURTINE; 1981; PÉCHEUX, 1983a, 1983b) e do conceito de *lugar de memória* (1984), entendendo que, da perspectiva da Análise de Discurso, toda e qualquer materialidade significativa, seja ela verbal, como a língua, ou não verbal, pode ser compreendida como *lugar de memória discursiva*.

É neste sentido que tomamos a revista de *Veja* como um lugar de memória discursiva e analisamos o efeito Hugo Chávez, que se apresentava como “inimigo número 1” dos Estados Unidos até a sua morte, posição antes ocupada pelo líder cubano Fidel Castro.

A capa da edição 1903 de 4 de maio de 2005 (figura 1), com o fundo predominantemente de cor vermelha, apresenta, à direita, em cor azul, o logotipo que marca o espaço discursivo institucional; e uma estrutura monotemática (um elemento visual e elementos verbais que se complementam): ao centro, uma imagem do rosto de Hugo Chávez em uma fotografia frontal, retratando um gestual facial misto de seriedade e desprezo (ou de obstinação) em que o olhar fixo parece alcançar o infinito; e, à esquerda, uma manchete, em cor branca, constituída por uma formulação linguística que funciona como título, acompanhado de outra formulação linguística, em cor branca, que funciona como subtítulo, como pode ser observado a seguir.



Figura 1: *Veja*, edição 1903 de 04/05/2005

A cor da roupa (casaco e boina militar) de Chávez, na capa, é vermelha, cor primária de intensa força. É a cor que emergiu com a Comuna de Paris como a cor da revolução, firmando-se como a cor dos comunistas, da esquerda, do materialismo histórico, dos processos revolucionários. É a cor da extinta União Soviética; do exército vermelho (1917-1921); da China e da Cartilha de Mao-Tsé-Tung (o livro vermelho); da Albânia; do Vietnã; da Guerra Fria (temido botão vermelho nas mãos dos líderes dos EUA e União Soviética que provocaria uma guerra nuclear).

Na esfera política, portanto, o vermelho, de um lado, tem um efeito de divisão parlamentar entre “esquerda e direita”, visto que tanto na revolução francesa quanto na revolução russa, brancos foram o emirados e legitimistas; de outro lado, tem um efeito de perigo do comunismo. Dessa forma, pelo segundo efeito de sentido, o de perigo, a cor da roupa de Chávez o liga à posição de sujeito de esquerda e, portanto, à posição de sujeito marcada efeito de perigo e ameaça à democracia. Ocorre repetição e afirmação desse efeito de sentido nas formulações linguísticas da capa: “Quem precisa de um novo Fidel?” e “Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba”; bem como nas formulações linguísticas do índice: “Chávez: um risco para toda a América Latina” e “Chávez: Presidente Venezuelano desestabiliza a América Latina”.

O mesmo efeito de sentido por ser identificado nas formulações linguísticas da reportagem, intitulada “Chávez: o clone do totalitarismo” que se encontra no interior da mesma edição da revista:

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, há mais de seis anos no poder, ameaça a estabilidade da América Latina com o financiamento e o apoio a grupos radicais de países vizinhos, a formação de uma milícia civil, o uso do petróleo para chantagear as repúblicas da América Central, a compra de armas e a aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro, de quem está se tornando um clone malfeito e extemporâneo. Na Venezuela, Chávez adotou um governo centralizador, mudou as leis para controlar melhor a oposição e aumentou o tamanho do Estado, levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região (grifo nosso) (Veja, edição 1903 de 04/05/2005, p. 152-153)

O efeito de sentido negativo sobre Chávez, ou seja, o efeito de ameaça à democracia e efeito de ditadura¹, é marcado pelas seguintes formulações linguísticas grifadas neste trecho apresentado da reportagem: “ameaça a estabilidade da América Latina”, “financiamento e apoio a grupos radicais”, “chantagear as repúblicas”, “compra de armas”, “aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro”, “adotou um governo centralizador”, “mudou as leis para controlar melhor a oposição” e, finalmente “levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da

¹A expressão ditadura, por volta do século V a.C., em Roma, designava um órgão extraordinário da república ativado em situações de emergência, com poderes e tempo de vigência delimitados constitucionalmente. O sentido de ditadura sofreu deslizamentos de sentido ao longo da história e na modernidade tem um efeito negativo. Bobbio, Matteucci e Pasquino (1986, p. 370) afirmam que a ditadura moderna designa a classe dos regimes antidemocráticos ou não democráticos modernos. Como tal se contrapõe (...) à democracia moderna, por sua vez entendida como designação da classe dos regimes liberal-democráticos. Neste sentido, a democracia liberal, como termo positivo da dicotomia, caracteriza-se pela divisão de fato e de direito do poder e pela transmissão da autoridade política de baixo para cima; como termo negativo, a Ditadura se distingue, em contraposição, por uma acentuada concentração do poder e pela transmissão da autoridade política de cima para baixo.” Neste sentido, a ditadura moderna não é regulamentada por normas constitucionais, nem tem seu poder limitado juridicamente. Instaure-se de fato ou subverte a ordem política preexistente. Para os autores, há três características fundamentais das ditaduras modernas. A primeira diz respeito à concentração e ao caráter ilimitado do poder, que pode ser exercido tanto por um único indivíduo quanto por um pequeno grupo de pessoas. O governo ditatorial não sofre limitações legais, transformando as leis de acordo com seus interesses ou colocando-se acima destas. A segunda refere-se às condições políticas e sociais existentes. A terceira relaciona-se à legitimação do poder e das regras de sucessão, pois poder é transmitido de cima para baixo, e não como expressão manifesta da vontade popular, como acontece na democracia. Embora o governo Chávez apresente as duas primeiras características, a terceira descaracteriza esse posicionamento já que ele se mantém no poder legitimado pelas urnas, o que merece um estudo sobre a questão.

região”. A posição na qual Chávez se subjetiva nessas formulações é de tirano e ditador. Pelo efeito de tirania, ele aumenta o Estado, centraliza o poder, alia-se a outro ditador, suprime e controla a oposição e acaba com a democracia da Venezuela.

A capa da edição 1955 de 10 de maio de 2006 (figura 2), com fundo de cor amarelo degradê, apresenta, à direita, em cor azul, o logotipo que marca o espaço discursivo institucional, e também uma estrutura monotemática: o presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva, à época, é apresentado, à esquerda, numa foto de costas, vestido com terno de cor cinza, em pose desolada, com a marca na calça de um chute (um pontapé) no “traseiro”, como se expulso ou destituído de alguma posição; e, à direita, uma manchete, nas cores branca e preta, constituída pelas formulações linguísticas que funcionam como título “O ATAQUE À PETROBRÁS”, “ESSA DOEU”, acompanhado da formulação linguística, em cor preta, que funciona como subtítulo: “Lula dormiu com o “grande gula” da América latina e acordou como mais um bobo da corte do venezuelano Hugo Chávez, que tramou o roubo do patrimônio brasileiro na Bolívia”, como pode ser observado a seguir.



Figura 2: *Veja*, edição 1955 de 10/05/2006

A imagem do sola do sapato está suja de óleo de petróleo, que é a principal marca de riqueza da Venezuela e uma grande força econômica também para o Brasil, com a empresa pública Petrobrás. As formulações

(tanto imagética quanto as linguísticas) dessa capa produzem um efeito de sentido em que o Brasil, governado por Lula, foi traído por Chávez que é uma ameaça ao patrimônio brasileiro e à América Latina.

No índice da mesma edição, encontramos ainda, uma imagem (figura 3), que mostra Hugo Chávez e Evo Morales, então presidente da Bolívia, rindo, galhofando de proeza, no caso: nacionalização da produção de gás e de petróleo do seu país por meio da apropriação de bens (usinas, refinarias etc.) da Petrobrás sob a determinação de Hugo Chávez, que se subjetiva num lugar de ameaça, que se fortalece fazendo alianças com outros atores políticos aliados.



Figura 3: *Veja*, edição de 10/05/2006, p. 10

Nas páginas 88 e 89 da mesma edição, uma foto (figura 4), denominada de “Os líderes e o liderado” mostra Chávez, Fidel e Morales se confraternizando em comemoração e Lula sentado em pose pouco estimulante olhando fixo em alguma direção como quem se depara com algo que não esperava.



Figura 4: *Veja*, edição de 10/05/2006, p. 88-89

A figura 4 apresenta, à esquerda, a imagem de Fidel, usando boina verde, como referência, ao fundo, lançando um olhar entreaberto de aprovação ao aperto de mãos de Chávez, vestido de roupas de cor vermelha, e Morales, vestido com camisa quadriculada. A diferença de sombras atrás da orelha de Chávez e a aba da boina de Fidel indicam tratar-se de uma montagem de fotografia, ou seja, o jogo de olhares do cubano foi construído para causar este efeito de sentido. Nessa mesma foto, à direita, Lula (e, por conseguinte, o Brasil) é apresentado à margem, vestido de terno preto, sentado numa cadeira, olhando para a posição de sujeito, na qual se subjetivam Fidel, Chávez e Morales, e que o destituiu da posição de líder dos países latino-americanos, que assistiu passivamente a nacionalização de bens brasileiros em território alheio, sem interferir no processo, considerando que a soberania política/jurídica de um estado e o direito à propriedade são dois dos principais pilares do estado democrático de direito.

Partindo do pressuposto de que os mecanismos de lembrança e de esquecimento, regulados por uma rede de saber-poder, determinam o que pode e deve ser dito por meio e/ou a respeito de um determinado “*locus* subjetivo”, de um lugar de subjetivação, como postula Foucault, que afirma que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1971. p. 26), perguntamos por que esses textos (capas e matérias) foram produzidos dessa forma e não de outra? Por que foi Chávez (por vezes relacionado a Fidel Castro) o protagonista dessas matérias e não outros governantes, como o 1º ministro da Rússia ou do Japão, por exemplo?

Essas questões nos permitem pensar essa série como um acontecimento discursivo, dada a sua presença marcada nesta rede do que pode e deve ser dito e que opera segundo uma ordem, segundo uma regra, neste jogo do que pode e deve ser feito, ou até mesmo silenciado e esquecido. Para Foucault (1969), as coisas não preexistem às práticas discursivas. Assim, identificar, na materialidade discursiva encenada na mídia, o funcionamento das posições de sujeito em que Chávez se subjetiva, é um olhar leitor que mostra que há implicações nas relações

de saber- poder, para além das ingenuidades que outros tipos de análises tradicionais ou lineares (políticas, sociais, históricas, econômicas etc.) podem apresentar, a respeito da questão.

A capa da edição 1986 de 13 de dezembro de 2006 (figura 5), com fundo de cor vermelha, apresenta, à direita, nas cores branca e vermelha, o logotipo que marca o espaço discursivo institucional, e uma estrutura monotemática: do lado esquerdo, a figura de um boneco, em posição frontal, vestido de verde e com boina vermelha, numa posição militar, com o braço esquerdo levantado; e, do lado direito, a sombra grande do boneco que se apresenta como a imagem de Fidel de lado, olhando para o boneco. As formulações imagéticas são acompanhadas, ao centro, da formulação linguística, em cor amarela, que funciona como legenda: “CHÁVEZ NÃO É BRINQUEDO”, e da formulação linguística “Com Fidel Castro à morte, Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina”, que funciona como subtítulo.



Figura 5: *Veja*, edição 1986 de 13/12/2006

A imagem do boneco representa o boneco que foi distribuído na campanha pela reeleição de Chávez na Venezuela. As roupas e a cor verde escuro simbolizam o campo “militar” e a cor vermelha da

boina e da capa, o “Comunismo”. A sombra do boneco, ao fundo, é apresentada como Fidel Castro, indicando o modelo a que Chávez segue, produzindo o efeito de sentido de que os dois têm os mesmos ideais e propósitos, subjetivam-se, portanto, na mesma posição de sujeito. Os elementos das representações pictóricas presentes na capa da figura 5 indicam repetição da posição de sujeito em que Chávez é uma ameaça, associada ao comunismo, a uma doutrina revolucionária de esquerda. O efeito de sentido é que Chávez representa ameaça do comunismo, a ameaça vermelha, ameaça à democracia.

A capa da edição de *Veja* 2033 de 07/11/2007 (figura 6), com fundo na cor branca, apresenta, à esquerda, na cor vermelha, o logotipo; ao centro, na cor vermelha, a imagem de uma boina; nas cores amarela e preto, abaixo da boina, a formulação linguística “CHAVEZ” “À SOMBRA DO DITADOR”, que funciona como legenda, acompanhada do subtítulo: “Chávez, à sombra do Ditador. Como o desvario ideológico abala a vida dos Venezuelanos”.



Figura 6: *Veja*, edição 2033 de 07/11/2007

O nome Chávez, em letras garrafais amarelas, é apresentado abaixo da imagem da boina vermelha, sombreado pela mesma, indicando

quem ocupa a posição do poder de líder político na Venezuela (de quem monopoliza o poder político) como um ditador. O efeito de ditadura é produzido também nas formulações linguísticas das reportagens que tratam da questão na mesma edição: “Como Hugo Chávez destruiu a democracia na Venezuela” (p. 8); “À sombra de ‘el supremo’ – a ditadura em forma de lei (p. 86-87), que o comparam a Adolf Hitler e Benito Mussolini.

A reportagem que trata da reunião da Cúpula Ibero-Americana em Santiago do Chile ocorrida em 10/11/2007, veiculada na edição 2035 de 21 de novembro de 2007, mostra que Chávez recebeu uma resposta áspera do rei Juan Carlos da Espanha às suas afirmações durante a reunião da Cúpula Ibero-Americana, como pode ser observado na formulação selecionada e apresentada a seguir:

Na Cúpula Ibero-Americana em Santiago do Chile, encerrada no sábado 10, a estratégia falhou: o rei Juan Carlos, da Espanha, perdeu a paciência e mandou Chávez calar a boca diante das câmeras de televisão. O rei reagia à provocação. O petroditador atacou José María Aznar, ex-presidente do governo espanhol, ausente ao encontro. Chávez não deixava o atual chefe de governo da Espanha, José Luis Rodríguez Zapatero, terminar sua réplica ao insulto. O rei tomou então atitude esperada há tempos em encontros desse tipo e disparou: “Por que não se cala?”. Diz o cientista político venezuelano Ricardo Sucre Heredia: “Essa foi a primeira vez que Chávez ouviu uma resposta tão contundente a seus insultos habituais, em um encontro dessa importância” (*Veja*, edição 2035 de 21/11/2007, p. 80).

No acontecimento discursivo, marcado por esta formulação, o termo *petroditador*, indica um jogo entre uma memória e uma atualidade, no sentido de Pêcheux (1983a), pois atualiza dois efeitos de sentido sobre Chávez: efeito de financiador de políticas públicas e externas por meio do petróleo e efeito de ditador. O efeito de animosidade entre as duas personalidades está materializado em todo o texto, mas, principalmente na formulação: “Por que não se cala?”, e nas imagens que ilustram a matéria, apresentadas nas figuras 7 e 8:



Figura 7: *Veja*, edição n. 2035 de 21/11/2007, p. 80-81



Figura 8: *Veja*, edição n. 2035 de 21/11/2007, p. 81

A imagem apresentada na figura 7 mostra o presidente da Espanha José Luis Rodríguez Zapatero e o rei Juan Carlos, da Espanha, ambos com a mão erguida em direção a Chávez: o primeiro, pedindo respeito à Chávez pelos insultos ao ex-presidente da Espanha; o segundo, direcionando os dedos ao representante da Venezuela, em pose firme e desafiadora. Chávez, de costas para a lente da câmera fotográfica, é posto no lugar de alvo das retaliações e repreensão. Aqui vemos encenada uma interdição à fala de Hugo Chávez, no sentido de “proibição da palavra” de que trata Foucault (1971, p. 9) quando afirma que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”

A encenação midiática do “Por que no te callas?”, do rei Juan Carlos, marca a circulação de um discurso que impede que Chávez possa defender seus posicionamentos e/ou criticar a política de outros países ou chefes de estado irrestritamente em um evento formal e oficial como aquele. A imagem apresentada na figura 8, por seu turno, mostra manifestantes da oposição a Chávez, em Caracas, retomando, desta vez em clima de provocação, a formulação “Por que no te callas?”, como uma espécie de palavra de ordem, de quem não se submete na mesma posição de Chávez. Na posição de sujeito em funcionamento, portanto, o efeito é de que Chávez é uma ameaça às instituições e aos valores democráticos, à democracia.

Este gesto de leitura do recorte de análise mostra, por fim, um outro efeito de sentido que atravessa os demais efeitos sobre Chávez: o efeito de catalisação e de atualização da memória da esquerda revolucionária, que, com o colapso da União Soviética e o fracasso das lutas de guerrilha dos anos 1970, foi desmoralizada, recalçada, desestabilizada e esquecida.

3 Considerações finais

Os resultados indicaram que a mídia funciona por gestos de enquadramento de memória. Dessa forma, no gesto de saber-poder, os efeitos de sentido aqui apresentados podem ser valorizados, cristalizados, esquecidos, atualizados.

Ressaltamos que o esquecimento é um dos importantes instrumentos da memória. Neste gesto de leitura, *Veja* funciona como um dos lugares da memória discursiva de efeitos de sentido e, portanto, de efeitos de verdade sobre Hugo Chávez e sobre a esquerda na América Latina. É um lugar de memória discursiva que ajudou a construir e a consolidar a figura e o mito Chávez que, tomado como objeto de discurso, seus efeitos de sentido tem implicações social, política e jurídica, que foram, são e serão oferecidos a discursos futuros, como mostramos em análises de outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- FONSECA-SILVA, M. da C. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b.
- FONSECA-SILVA, M. da C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007a. p. 11-37.
- FONSECA-SILVA, M. C.** Memória, mulher e política: do governo das capitanias à presidência da república, rompendo barreiras. In: TASSO, I.; NAVARRO, Pedro. (Org.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012, v. 1, p. 183-208
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Edição original: 1969.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Edição original: 1971.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008. Edição original: 1983a.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57. Edição original: 1983b.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em outubro de 2013.

SOBRE OS AUTORES

Ricardo Pereira Vieira é Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2013); mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2009) com estágio na Universidad Nacional del Litoral - UNL, Argentina (2009). É Doutorando

em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso - GPADis (CNPq/Uesb). Tem experiência na área de Direito, Análise de Discurso e Filosofia com ênfase em Foucault, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso político e discurso jurídico.

E-mail: ricardo_advog@hotmail.com

Maria da Conceição Fonseca-Silva é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Realizou estágio de Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2006/2007). É Pesquisadora nível 2 do CNPq. Atualmente é professora Titular/Pleno do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua como professora pesquisadora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb) e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMEMORIALS-Uesb). Atuou na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMEMORIALS-Uesb), desde a implantação do curso de mestrado em 2008 até fevereiro de 2013. É líder do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/Uesb/CNPq) e do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (GPEL/Uesb/CNPq). Tem experiência na área de disciplinar de Linguística e na área multidisciplinar de Memória, com ênfase em Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: efeitos-sujeito e efeitos-sentido, memória discursiva, discurso político e discurso jurídico, corrupção política, mídia, sujeito mulher.

E-mail: con.fonseca@gmail.com